

População infantil e adolescente em situação de rua: temas em destaque em âmbito internacional

Irene Rizzini

Thaís de Carvalho

Renata Mena Brasil do Couto



O Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância - CIESPI é um centro de estudos e de referência associado à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), dedicado ao desenvolvimento de pesquisas e projetos sociais voltados a crianças, adolescentes, jovens e seus elos familiares e comunitários. Tem como meta subsidiar políticas e práticas sociais para esta população, contribuindo para o seu desenvolvimento integral e para a promoção e defesa dos seus direitos.



Rio de Janeiro, dezembro de 2017

Esta publicação é parte de um amplo projeto intitulado Políticas Públicas e os Desafios da Implementação: análise do caso da política de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua no Rio de Janeiro, coordenado pela Prof^a Irene Rizzini (PUC-Rio/Departamento de Serviço Social; CIESPI/PUC-Rio), com apoio da FAPERJ (CNE, Cientista do Nosso Estado, 2014-2017; FAPERJ Ref. N° E-26/201.274/2014). O projeto tem como objetivo analisar os processos que facilitam ou dificultam a implementação de políticas públicas com foco sobre a população infantil e adolescente, tendo como estudo de caso a Política de Atendimento a Crianças e Adolescentes em Situação de Rua (Deliberação CMDCA 763/2009). Design: Carolina Terra

Sumário

1. Apresentação	2
2. Percurso metodológico.....	2
3. A pesquisa bibliográfica em números.....	4
4. Terminologia e conceituação.....	7
5. Temas em destaque.....	10
6. Considerações finais.....	22
7. Referências bibliográficas.....	24

Apresentação

Esta publicação sintetiza as principais tendências da produção acadêmica internacional com foco sobre crianças e adolescentes em situação de rua no período de 2010 a 2015. O estudo foi realizado no âmbito do projeto de pesquisa *Políticas Públicas e os Desafios da Implementação: análise do caso da política de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua no Rio de Janeiro*.

O projeto engloba duas vertentes de estudo: (1) Uma análise sobre as tendências da literatura acadêmica nacional (2000 -2015) e internacional (2010-2015); (2) Um estudo sobre as propostas de políticas públicas e ações voltadas para essa população no município do Rio de Janeiro, e principais desafios à implementação a partir do caso da *Política de Atendimento a Crianças e Adolescentes em Situação de Rua* (Deliberação 763:2009, Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente do Rio de Janeiro, CMDCA 2009).

A seguir, discutimos a metodologia aplicada para o levantamento e a análise da produção internacional, bem como os resultados obtidos. Buscamos ainda estabelecer um diálogo com temas em destaque na literatura nacional, sistematizada a partir da base de dados bibliográficos *População infantil e adolescente em situação de rua no Brasil – Produção Acadêmica (2000-2015)*.

Percurso metodológico

Para realizar o levantamento da literatura sobre crianças e adolescentes em situação de rua publicada em diversos países no período de 2010 a 2015, selecionamos um conjunto de palavras-chaveⁱⁱ que norteasse as buscas via internet, em sites de pesquisa e bases de dados bibliográficas. Tratando-se de um levantamento internacional, sem recorte específico de região, decidimos que as buscas deveriam ser realizadas prioritariamente em inglês, visando abarcar um maior número de países. Para complementar a pesquisa, realizamos, em menor escala, buscas em espanhol, com foco sobre a América Latina.

A maior parte das buscas foi realizada através do Google Acadêmico, ferramenta eficiente para pesquisa de cobertura internacional por trazer resultados de bases de dados de diferentes países. Outras ferramentas de pesquisa utilizadas foram o WorldCat e o portal de pesquisas da biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que reúnem bases de dados e periódicos online.

Além disso, foram realizadas buscas no site da rede internacional de pesquisa sobre população infantil e juvenil em situação de rua "Consortium for Street Children", organização inglesa que disponibiliza grande variedade de publicações de diversos países. Por fim, complementado o levantamento, foram feitas buscas específicas tanto por autores recomendados por especialistas, como por autores que apareciam frequentemente citados nos textos selecionados inicialmente.

Nesta primeira etapa da pesquisa, realizada entre agosto e outubro de 2016, foram levantados cerca de 250 títulos. Considerando a amplitude do levantamento, definimos que, neste primeiro momento, seriam analisados apenas artigos científicos. As teses, dissertações, relatórios de pesquisa e capítulos de livros encontrados foram organizados e catalogados para análises posteriores.

Após nova etapa de análise do material, em que foram lidos os resumos e foi avaliada a relevância do conteúdo e das revistas em que os artigos foram publicados, selecionamos 84 títulos em inglês e 14 em espanhol, disponíveis na íntegra para download. Esses textos compõem a análise que apresentaremos a seguir e foram catalogados em fichas contendo: referência bibliográfica completa, resumo e palavras-chave indicadas pelo/a autor/a.

Devemos destacar alguns dos desafios encontrados ao longo da pesquisa. O primeiro foi a delimitação de critérios para a seleção dos milhares de textos registrados nos sites de busca consultados, com o cuidado de não reduzir excessivamente o escopo e eliminar títulos importantes. Outra dificuldade foi o acesso a textos completos, uma vez que parte dos sites consultados não disponibiliza os textos na íntegra para download.

Além disso, a barreira linguística certamente restringiu a equipe de pesquisa a textos publicados em inglês e espanhol e, por isso, não foi possível analisar outras tantas produções relevantes em seus diversos idiomas. Esta é uma limitação importante, que acaba restringindo ou mesmo impossibilitando o intercâmbio de publicações e de pesquisadores de diferentes países. Isso é particularmente verdadeiro no caso de pesquisas produzidas em países do *Sul Global*ⁱⁱⁱ, como constatamos em nossa análise. O contexto socioeconômico afeta não apenas a produção acadêmica/científica local, mas também dificulta a circulação dos estudos publicados.

A pesquisa bibliográfica em números

Ao analisar os 84 títulos selecionados na língua inglesa, foi possível identificar uma maior concentração de publicações originárias de países do Norte Global. Contudo a maior parte das pesquisas tem como foco contextos do Sul Global, conforme demonstra a tabela 1.

Tabela 1 – Pesquisas por países (língua inglesa)

Região	Origem dos autores*	Locus de pesquisa**
Norte Global	62	34
Sul Global	33	48

* Em caso de coautoria entre países diferentes, foi contabilizado um autor em cada região.

** Foram excluídos desta tabela artigos que fazem análises globais.

Apesar da maioria dos autores ser do Norte Global (62), apenas 34 publicações referem-se a pesquisas com foco nesta região. Os demais estudos focalizam países do Sul Global (48). A África foi a principal região pesquisada (21 publicações). Destas, 15 incluíam pesquisadores locais, mas apenas 8 foram escritas exclusivamente por africanos. A Ásia foi a segunda região mais pesquisada (15 estudos), e aparece com mais

voz, já que 11 deles foram elaborados por autores nativos. A América Latina possui a relação mais discrepante entre a origem dos autores e o número de pesquisas publicadas sobre a região. São 12 os estudos sobre esta parte do mundo, mas apenas a metade deles contou com autores locais e apenas 3 artigos foram produzidos exclusivamente por latino-americanos.

Observamos também a questão da autoria e possíveis coautorias nos artigos em língua inglesa, conforme mostra a tabela 2.

Tabela 2 – Número de pesquisas realizadas por autores estrangeiros e nativos em relação aos países pesquisados (língua inglesa)

Autor/a	Número de pesquisas
Estrangeiro	22
Nativo	48
Coautoria entre estrangeiro e nativo	14

A coautoria entre estrangeiros e nativos do Sul Global foi relativamente comum nos artigos em língua inglesa. Os 14 artigos elaborados em coautoria voltavam-se para a análise de países do Sul Global. Artigos escritos exclusivamente por pesquisadores de países do Sul tinham como foco o seu próprio contexto. Já entre os artigos escritos exclusivamente por autores do Norte, 34 são análises de sua própria região (70% do total) e os demais analisam contextos do Sul Global.

No caso dos artigos publicados em espanhol, referentes a América Latina, o perfil é quase o oposto do observado no caso daqueles em inglês. Conforme previsto pela própria distribuição geográfica do idioma,

todos os artigos analisados foram escritos por pesquisadores da América Latina e abordam questões relativas a sua região de origem.

No que diz respeito às grandes áreas de conhecimento das publicações que versam sobre crianças e adolescentes em situação de rua, em espanhol, observa-se uma predominância quase absoluta das ciências sociais (houve apenas 1 artigo da área de saúde).

Na língua inglesa, observa-se outra dinâmica. As ciências da saúde e as sociais aparecem bem equilibradas, como se pode ver na tabela 3.

Tabela 3 – Artigos por grandes áreas de conhecimento (língua inglesa)

Grandes áreas de conhecimento	Número de artigos
Ciências Sociais	36
Psicologia/Psiquiatria	16
Ciências da Saúde	31
Mista (Saúde/Sociais)	1
Total	84

Em ambos os idiomas, a metodologia mais comum utilizada nas pesquisas analisadas é a qualitativa, principalmente com o uso de questionários seguido por grupos focais e entrevistas. Cabe destacar que os artigos com recomendações mais elaboradas para as políticas públicas baseiam-se em análises longitudinais, tendo acompanhado mudanças geográficas/temporais e o funcionamento prático dessas políticas (URSIN, 2012; SOUZA et al., 2013). Um método que nos pareceu usual para acessar a subjetividade das crianças em

situação de rua é o uso de desenhos. Em Van Blerk (2012 e 2013), os desenhos das crianças sobre os seus espaços de circulação complementam a análise etnográfica da autora e, em Malindi (2014), a atividade de desenho consegue captar as estratégias de resiliência do grupo pesquisado.

Nos estudos sobre as populações dos Estados Unidos e do Canadá, as pesquisas tendem a ser feitas dentro de abrigos e incluem o pagamento de uma “ajuda de custo”, seja para cobrir despesas de passagem, para incentivar a participação ou como forma de reconhecimento da condição financeiramente vulnerável dos entrevistados.

Terminologia e conceituação

Ao emprendermos uma revisão da literatura internacional sobre crianças e adolescentes em situação de rua, consideramos importante compreender a terminologia referente a esta categoria em inglês e em espanhol.

Dos 14 artigos analisados em espanhol, apenas 3 apresentavam alguma alternativa ao termo majoritário utilizado *niños y niñas de la calle* (em tradução direta, “meninos e meninas de rua”). O estudo de López e Rodríguez (2012), sobre o México, emprega *jóvenes* por tratar de uma população mais velha. Minnicelli e Zambrano (2012) usam *gamines*, termo popular na Colômbia para se referir às crianças em situação de rua, similar ao *pibe chorro* na Argentina, ao *chavo* no México e ao *criança de rua* no Brasil. Singlau (2015), escrevendo a partir de sua experiência com trabalho social em La Plata - Argentina, questiona o termo *niños y niñas de la calle*, problematizando a associação permanente que parece fazer entre as crianças e a rua, e, por isso, propõe o uso da categoria *niños y niñas en situación de calle*.

Na língua inglesa, porém, identificamos mais variações terminológicas relacionadas ao tipo de vínculo com a rua, muito embora existam duas raízes centrais: *street* (rua) e *homeless* (sem teto), que precisam ser diferenciadas.

O termo *street* tende a apontar para uma relação mais dependente com a rua. São *children on the street* ("crianças na rua") as crianças que trabalham nas ruas, mas mantêm seus vínculos familiares, voltando para casa ao final do dia; e são *children of the street* ("crianças de rua") as crianças que de fato vivem nas ruas. A terminologia mais usada em inglês é *street children* e são poucos os artigos que oferecem alternativas em que a relação com a rua não soa tão permanente, dentre elas: *street working children* ("crianças que trabalham nas ruas") (GRUGEL; FERREIRA, 2012); *children and adolescents in street situation* ("crianças e adolescentes em situação de rua") (BERCKMANS et al., 2012); *street involved youth* ("juventude envolvida com as ruas") (KUMAR et al., 2015; MALINDI, 2014); e *street connected children and youth* ("crianças e adolescentes com conexões com as ruas") (BENITEZ, 2011; EMBLETON et al., 2015; WINSTON et al., 2015).

Já o termo *Homeless* aparece exclusivamente associado aos países do Norte Global, com destaque para sua ocorrência em artigos sobre os EUA e o Canadá. O termo também costuma estar associado a uma faixa etária de adolescentes e jovens, com idades entre 16 e 21 anos. Ressalta-se que também são consideradas *homeless* as pessoas em situação de residência instável, ou seja, que dormem nos sofás da casa de diversos amigos e familiares ou que estão alojadas em abrigos.

Identificamos, ainda que mais raramente, as categorias de *runaways* ("fugidos de casa"), *throwaways* ("expulsos de casa") e *drop-outs*. Esta última se refere a crianças e adolescentes que abandonaram a escola e merece atenção especial, pois cria uma oposição entre *street children* e *school children*. Tal oposição é, inclusive, utilizada no esboço metodológico de algumas pesquisas, indicando uma possível estigmatização das infâncias da escola *versus* da rua.

No Brasil

Foram também identificadas terminologias variadas para designar grupos de crianças e adolescentes em situação de rua^{iv}. Como o período analisado foi mais longo no caso do Brasil (2000 a 2015), constatamos algumas variações em um mesmo autor na forma de se referir ao grupo e em diferentes estudos ao longo do tempo.

O termo *menino de rua* passou a circular no Brasil nos anos 1980 para denominar um grupo social que emergia nas grandes metrópoles dos países latino-americanos. Ele ainda pode ser encontrado na produção nacional em autores como Sudbrack (2004) e Botelho et al. (2008). Outros, como Ferreira (2000) e Nóbrega e Lucena (2004), fazem uso do termo entre aspas, o que parece denotar um certo desconforto em relação a inadequação da utilização desta expressão. Encontramos, ainda, o uso de termos como *crianças e adolescentes de rua* (TFOUNI; MORAES, 2003; MARTINS, 2002) e *crianças de/na rua* (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2006).

Desde a década de 1980, um número expressivo de estudos foi realizado sobre esta

população e este interesse provocou novas análises, resultando também em mudanças de nomenclatura. A compreensão sobre a diversidade e as especificidades deste grupo e de que a rua não era definidora da vida desses indivíduos trouxe questionamentos relacionados à formação de suas identidades e subjetividades. A visão de que essas crianças eram um problema em si foi sendo paulatinamente substituída pela compreensão de que a origem e os fatores que levavam à saída de casa possuíam uma importância fundamental para a compreensão da questão. Como explicam Rizzini e Butler (2003), paulatinamente o termo *crianças em situação de rua* foi ganhando espaço e destaque no debate.

De fato, nos estudos analisados, o termo *em situação de rua* é o majoritariamente adotado, com variações referentes à faixa etária, como podemos ver, por exemplo, em Ribeiro et al. (2003), Bottega e Merlo (2010) e Silva e Avelar (2014). também foram identificadas. Foram também identificadas terminologias que imprimem entendimentos semelhantes, tais como *em*

condição de rua (BRANDÃO, 2013) e *que vivem nas ruas* (CIRINO; ALBERTO, 2009; ESTIVALET, 2010).

Arpini, Quintana e Gonçalves (2010) explicam que estas expressões se referem a um conjunto de indivíduos que vive grande parte do tempo na rua, tendo este espaço como uma referência, embora tenha algum vínculo familiar e/ou um endereço de moradia. No geral, entre os estudos analisados, este tipo de abordagem busca desconstruir o sistema de crenças que homogeneizava o grupo de crianças e adolescentes em situação de rua. Assim, esse viés tende a contribuir para a compreensão dos arranjos culturais e históricos desses sujeitos (MATIAS, FRANCISCHINI, 2010). Os estudos analisados voltam-se para crianças e adolescentes em situação de rua como sujeitos de direitos que se desenvolvem em contextos de extrema vulnerabilidade, o que permite que essa população tenha suas ações e suas experiências valorizadas no sentido da compreensão de seu desenvolvimento e de suas potencialidades, muito embora a rua continue sendo considerada um

ambiente inadequado para o seu desenvolvimento integral (PALUDO; KOLLER, 2005; MOURA; SILVA; NOTO, 2009; RIZZINI; NEUMANN; CISNEROS, 2009; BRANDÃO, 2013).

Temas em destaque

A seguir apresentamos dois temas principais que se destacaram na análise do levantamento da produção internacional sobre crianças e adolescentes em situação de rua. São eles: educação e uso de drogas. Além disso, realizamos uma breve análise das recomendações internacionais relativas às políticas públicas voltadas para este segmento populacional. Por fim, adicionamos alguns enfoques sobre como os temas destacados na literatura internacional são discutidos no Brasil, a partir do levantamento e análise do material reunido na base de dados bibliográficos *População infantil e adolescente em situação de rua no Brasil - Produção Acadêmica (2000-2015)*, conforme mencionado anteriormente.

a) Relação entre a rua e a escola

Na maior parte dos artigos de língua inglesa apontou-se para a dificuldade das crianças em situação de rua se manterem na escola devido a problemas diversos. Dentre estes fatores destacam-se os altos custos e a falta de vagas nas escolas, por exemplo, no Brasil e no Peru (HARRIS et al., 2011); o maior interesse das crianças em atividades remuneradas no Brasil (GRUGEL; FERREIRA, 2012); e a falta de receptividade das escolas para crianças nesta situação na Turquia, na Argentina e na Colômbia (BADEMCI, 2012; MINNICELLI; ZAMBRANO, 2012). Berckmans (2012) avalia que a escola é um problema antes mesmo das crianças irem para as ruas, uma vez que não se constrói como um espaço inclusivo e acolhedor para alunos com problemas familiares ou pessoais. A literatura sugere, portanto, que os sistemas de ensino atuais não conseguem dar conta da realidade de crianças e adolescentes que se encontram vulnerabilizados, estejam eles ou não em situação de rua, seja por preconceito, pela incapacidade de engajá-los a partir de seus interesses ou devido aos altos custos associados à

educação (compra de material escolar, passagem e alimentação, etc.).

Muitos dos artigos selecionados indicam a necessidade vital da educação para o desenvolvimento saudável da criança, vislumbrando a escola inclusiva como meio de prevenção da vida nas ruas (HENLEY et al., 2011; LIGHTFOOT et al., 2011; MENON, 2013). Diversos autores afirmam que as escolas precisam se transformar em espaços receptivos para as crianças em situação de rua (GUERRERO; PALMA, 2010; LÓPEZ; RODRÍGUEZ, 2010; GENTILE, 2011).

Outra abordagem sugerida são as alternativas ao ensino tradicional. Nesse sentido, Saucedo e Taracena (2011), a partir da realidade mexicana, propõem um entendimento de que a rua não é apenas "imoral", salientando que os aprendizados das crianças naquele espaço não podem e nem devem ser descartados, uma vez que isso pode lhes causar demasiada confusão ou desinteresse pela reintegração à escola. A alternativa pedagógica mais direta apareceu no artigo de Shephard (2014) sobre as possibilidades

de uma educação informal voltada para a realidade das crianças em situação de rua.

Sobre as crianças que trabalham nas ruas nos países do sul da Ásia, afirma-se que elas costumam frequentar a escola (NASIR; KHALID, 2015). O mesmo é relatado em um estudo sobre o Brasil, publicado por Grugel e Ferreira (2012) em língua inglesa, sobretudo após o surgimento dos programas de incentivo à manutenção do vínculo escolar, como é o caso do Bolsa Família. No entanto, o autor destaca que a frequência escolar pouco tem a ver com um bom aprendizado, podendo representar apenas um meio de ganhar a vida ou ter acesso à alimentação.

De modo geral, as crianças e os adolescentes que vivem em abrigos não parecem ter um acesso mais facilitado à educação. Nos EUA e no Canadá, onde a maioria das pesquisas foi realizada em abrigos, predominam as histórias de abandono dos estudos. Portanto, seria interessante, em pesquisas posteriores, analisar a fundo a relação entre a instabilidade da moradia e o elevado índice de evasão escolar. Um estudo realizado no Burundi, destaca que todas as

crianças participantes frequentavam aulas no próprio abrigo onde foi realizada a pesquisa (CROMBACH; BAMBONYÉ; ELBERT, 2014).

No Brasil

Embora a importância da educação e das oportunidades a ela associadas seja um tema frequentemente abordado nos estudos sobre crianças e adolescentes em situação de rua no Brasil, a análise acerca das condições de escolarização não é tão recorrente. Isso pode estar relacionado ao fato de que o acesso à educação de crianças e adolescentes em situação de rua é extremamente limitado (RIZZINI; CHATTOPADHAY, 2017), sobretudo porque carecem de instituições adaptadas a sua realidade. Todavia, conforme mencionado anteriormente, crianças e adolescentes em situação de rua compõem um grupo heterogêneo. Dessa forma, não podemos deixar de sinalizar que o caso daquelas que vivem em instituições de acolhimento ou que desempenham atividades laborais nas ruas, mas retornam para suas casas no final do dia, é diferente. Entre essas crianças a ida à

escola é mais comum, sobretudo porque é obrigatória quando elas se encontram vinculadas a programas governamentais de distribuição de renda.

Em um dos estudos mais completos sobre o tema da educação de crianças e adolescentes em situação de rua, Ferreira, Nogueira Jr. e Costa (2010) afirmam que a falta de capital econômico, cultural e social prejudica, e muito, o acesso à educação. Considerando que estes fatores são fortemente atravessados por condições socioeconômicas, as famílias pobres, assim como as crianças e os adolescentes em situação de rua, vivenciam processos de vulnerabilização que dificultam suas possibilidades de escolarização. Os autores afirmam que o acesso à educação é influenciado, restringido ou ampliado por uma multiplicidade de fatores que vai além da dimensão econômica. O número de dias trabalhados, a moradia na rua, a idade, a gravidez precoce e a localização em determinados municípios da região metropolitana são fatores que podem dificultar ou mesmo impedir o acesso à educação. Por outro lado, políticas públicas de transferência de renda

parecem ampliar as possibilidades de estudo. Intervenções públicas, como o Bolsa Família e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), estão associadas ao aumento da probabilidade de escolarização mesmo entre segmentos mais vulneráveis. Estes resultados indicam que há demanda e esforço por parte das crianças, dos adolescentes e de suas famílias para garantir a escolaridade, contrariando o senso comum de que os grupos vulneráveis dão pouco valor à educação.

Silva (2005) estuda a relação entre o “mundo da rua” e o “mundo da escola” entre adolescentes “abrigados” e afirma que mudanças são necessárias para garantir a sua permanência em instituições educacionais. O estudo evidencia que é preciso alterar a organização, a estrutura e as relações das escolas de modo a criar mecanismos adequados para esse grupo populacional. A lógica de seriação, seletividade e avaliação, visando sempre o aluno médio, faz com que a escola não apareça como possibilidade para aqueles que vivem nas ruas, impedindo o acesso a seu direito à educação e reproduzindo desigualdades e

injustiças. As capacidades e habilidades desses adolescentes são ignoradas, mesmo que garantam a sua sobrevivência em contextos de extrema vulnerabilidade. O mesmo ocorre com sua história, cultura e linguagem. Com isso, dentre os poucos que conseguem se inserir, a maioria acaba evadindo por conta dos mecanismos de exclusão próprios do sistema escolar.

Godinho (2015) reforça a necessidade de adequação da escola à realidade daqueles em situação de rua. Para a autora, as condições de desigualdade que marcam esses estudantes, inclusive maus-tratos, discriminação e desrespeito, refletem a ausência de reconhecimento social dessa população. Para mitigar os efeitos dessas injustiças, a autora considera que as instituições de ensino devem oferecer, inclusive, a possibilidade de acesso a serviços de saúde e de assistência e o direito à documentação, a roupas limpas e a ser chamado pelo nome.

b) Uso de drogas

O termo “abuso de substâncias” (*substance abuse*)^v aparece frequentemente na

literatura internacional sobre crianças e adolescentes em situação de rua. Os textos levantados buscam refletir as relações que crianças e jovens em situação de rua têm com drogas lícitas ou ilícitas, partindo de diferentes perspectivas.

Meshram, Gade e Battina (2015), ao se referirem à Índia, associam desnutrição, anemia e outras questões nutricionais ao abuso de substâncias. Erickson, Kirst e Frederick (2011), no Canadá, fazem um estudo específico sobre a relação entre saúde mental e uso de substâncias. Bender et al. (2012), nos Estados Unidos, relacionam uso de substâncias e traumas/síndromes pós-traumáticas entre jovens sem teto. Hadland et al. (2010), no Canadá, associam especificamente depressão e uso de drogas. E, finalmente, Chettiar et al. (2010), no mesmo país, fazem um estudo sobre os padrões de uso de drogas em jovens que se prostituem para sobreviver.

Aqui se faz necessária a diferenciação entre os estudos realizados no Norte e no Sul Global. Os textos da América do Norte, por

exemplo, trabalham majoritariamente com adolescentes e jovens (HADLAND et al., 2010; CHETTIAR et al. 2010, CHENG et al., 2015), o que pode ser um indício de que a quantidade de crianças nas ruas nesses países seja menor. Já nos estudos produzidos em outros países, a média de faixa etária fica entre 10 e 18 anos, com o estudo de Reddy, Kumar e Raju (2014), na Índia, olhando inclusive para crianças de 6 anos.

Nos estudos da América do Norte, as drogas mais citadas são crack e metanfetamina. Erickson, Kirst e Frederick (2011) afirmam que as drogas são baratas e de fácil acesso, e o estilo de vida das ruas (*street life style*) fomenta o seu uso e dificulta a saída do vício. Estudos focados em países com economias precarizadas, do Sul Global, apontam para as drogas inalantes, tabaco e álcool como as mais consumidas por crianças e adolescentes em situação de rua.

Nos países do Sul Global, condições de vida adversas, que podem inclusive levar às ruas, parecem contribuir para o abuso de drogas, usadas como estratégias de sobrevivência ou *coping strategies* (EMBLETON et al., 2013). Outro fator

causal muito citado pelos textos é a influência da família na iniciação ao consumo. Dejman et al. (2015) apontam que o vício é muito comum entre famílias em situação de rua no Irã e as crianças tendem a se envolver com drogas mais cedo quando parentes também são usuários. O estudo de Bender et al. (2012), desenvolvido no Canadá, aponta para a mesma influência familiar no uso de drogas. A pressão social é igualmente indicada como fator importante de influência (EMBLETON et al., 2013).

Como a maioria dos textos sobre abuso de substâncias é da área da saúde, são frequentemente sinalizadas as disfunções e as doenças resultantes desta prática. Sharma e Joshi (2013) apontam como consequências físicas: problemas no pulmão, vômitos, tuberculose, câncer, problemas dentários e faciais e até óbitos. Além disso, o uso abusivo de substâncias aumenta o que vários autores chamam de "comportamento de risco", ou seja, favorecem condutas que podem levar os jovens a contrair DSTs ou outras doenças, por exemplo, através do compartilhamento de seringas e cachimbos (CHENG, 2015). Além dos

problemas físicos, alguns textos apontam para os problemas de saúde mental e emocional que podem ser desencadeados ou agravados com o uso de substâncias (HADLAND et al., 2010; ERICKSON; KIRST; FREDERICK, 2011).

No Brasil

O uso de drogas também é uma questão frequentemente abordada na literatura brasileira. De modo geral, compreende-se que situações de vulnerabilidade, mesmo quando experimentadas ainda no ambiente familiar, parecem contribuir para o uso precoce de drogas. Com frequência, a ida para as ruas apenas aprofunda condições de vida adversas, reforçando, em muitos casos, o uso de drogas como estratégia de sobrevivência. Além de amenizar a fome e a violência cotidiana, muitas vezes o uso de drogas é uma forma de iniciação em grupos que são importantes facilitadores para a sobrevivência nas ruas.

A relação com a família aparece como fator importante a ser observado no que tange o uso de drogas. Neiva-Silva (2008), em sua pesquisa

realizada em Porto Alegre/RS, observou que variáveis como “não morar com a família”, “passar mais de oito horas na rua” e “estar há mais de cinco anos na rua” foram determinantes para o uso de drogas ilícitas. Já Nascimento (2009), ao pesquisar sobre o uso de solventes entre crianças e adolescentes em situação de rua no Distrito Federal, aponta que o uso deste tipo de substância prevaleceu entre os indivíduos desacompanhados dos pais, do sexo masculino e ausentes da escola. Todavia, em avaliação qualitativa, a autora identificou que a família desempenhou um papel antagônico, ora protetor, ora facilitador, em relação ao uso de drogas.

Embora o uso de cola (RIBEIRO et al., 2003) e de solventes (NASCIMENTO, 2009) tenha sido destacado em alguns estudos analisados, o uso de crack parece despertar a preocupação de grande parte dos pesquisadores (MOTA, 2012; CLARO et al., 2014; BRANDÃO, 2013). De acordo com Claro et al. (2014), com base em uma revisão da literatura sobre o perfil e o padrão de uso desta droga entre crianças e adolescentes em situação de rua, o uso de crack é de padrão prejudicial e frequente,

gerando agravos como doenças sexualmente transmissíveis, lesões associadas à violência, problemas respiratórios e cardiovasculares, além de implicações psicossociais. A literatura relata o predomínio do crack em situações de significativo empobrecimento social, com destaque para contextos de moradia precária e desabrigo.

Moura, Silva e Noto (2009) destacam a relação entre o uso de drogas e os "comportamentos de risco", alguns vinculados à busca pela droga e outros ao estado de "intoxicação". Além disso, como as drogas proporcionam prazer imediato, seu consumo pode diminuir outros interesses, fazendo com que as crianças e os adolescentes abandonem os estudos e o brincar, tornando preponderante a necessidade de conseguir dinheiro para sobreviver e sustentar o uso das drogas. Ao investigar as condições de vida de adolescentes do sexo feminino envolvidas com abuso de drogas e prostituição em Santo André/SP, Nunes (2004) e Nunes e Andrade (2009) observaram que o dinheiro proveniente do comércio sexual de todas as entrevistadas era

empregado quase exclusivamente no consumo de crack.

Nas análises realizadas, o consumo de drogas em situação de rua também é relacionado à falta de estrutura e à desarticulação dos serviços públicos. Associados aos chamados "comportamentos de risco", esses fatores aumentam a vulnerabilidade de crianças e adolescentes e os distanciam dos programas de saúde e assistência. Por isso, reforçam que são necessárias estratégias que visem sua busca ativa e sua inserção nos serviços existentes. Mota (2012), ao realizar uma investigação sobre a história de vida de adolescentes e jovens em situação de rua e usuários de crack no Plano Piloto de Brasília/DF, identificou precárias condições nas casas de passagem, sinalizando a negligência do governo em relação a esta população. Brandão (2013) acrescenta que o tratamento político e assistencial destinado a meninos em situação de rua usuários de crack, balizado pela vigilância e pela violência sancionada pelo Estado, torna essa prática ainda mais destrutiva. Nunes (2013), ao analisar o município do Rio de Janeiro, conclui ser

necessária a politização do debate sobre drogas na sociedade, pois a imposição do tratamento parece reforçar o estigma em torno do consumo e dos usuários. Segundo a autora, a defesa de maior rigor penal em relação a esta prática é uma forma de controle social endereçado a segmentos específicos da população, e constitui uma *“ideologia conservadora e de desenvolvimento desigual”* sempre presente na história de desenvolvimento do Brasil.

c) Recomendações para políticas públicas no Brasil e em diversos países

Um dos objetivos que nos levou a realizar os levantamentos bibliográficos internacional e nacional foi identificar recomendações para políticas públicas voltadas para crianças e adolescentes em situação de rua. A seguir, indicaremos algumas das propostas que se destacaram, apontando tendências comuns a nível global.

Uma das recomendações mais salientadas nos artigos sobre as crianças em situação de rua foi a necessidade de reintegrá-las à sociedade através

da educação. Também foi apontada a necessidade de aprimoramento de diversos aspectos relacionados aos profissionais envolvidos no atendimento à população em situação de rua, tais como: (i) importância de treinamento administrativo para melhoria dos investimentos do dinheiro público (HEINZE; JOZEFOWICZ; TORO, 2010); (ii) o preconceito dos atendentes dos abrigos e hospitais e dos professores nas escolas (BADEMCI, 2012); (iii) o valor dos estudos territoriais sobre as populações de rua para melhor posicionar os serviços ofertados (BODNER, 2012); (iv) a ineficiência dos programas de vacinação infantil centrados nas escolas, uma vez que muitas crianças não têm acesso a este espaço (DOROSHENKO et al., 2012); (v) a oferta de tratamentos especializados em traumas comuns a esta população (ROBERTS, 2010; HADLAND et al., 2012; MCKENZIE-MOHR; COATES; MCLEOD, 2012; HENLEY, 2010; LIGHTFOOT et al., 2011; KEESHIN; CAMPBELL, 2011).

Aponta-se como fundamental a realização de campanhas de conscientização sobre estes

grupos sociais para romper com os paradigmas a eles associados (PALEPU et al., 2012) e mostrar a complexidade das condições de vida destes indivíduos (VAN BLERK, 2012). Nos países de infraestrutura precária, as urgências são maiores, como a ampliação dos serviços de atendimento para dar conta da numerosa população vulnerável (SOUZA et al., 2013; HABTAMU; ADAMU, 2013; ASANTE; MEYER-WEITZ; PETERSEN, 2015; FIASORGBOR; FIASORGBOR, 2015; MHIZHA, 2015). No que se refere à conscientização das populações de rua sobre os riscos a que estão expostos, discute-se a criação de campanhas informativas sobre DSTs e uso de drogas (EDEWOR, 2014; MARSHALL et al., 2010; MERRILL et al., 2011).

Estudos em países diferentes apontam, direta ou indiretamente, para a permanência de uma visão da infância como fase passiva da vida; e sugerem que as políticas públicas existentes não dão conta de incorporar os novos paradigmas sobre a participação ativa da criança e do seu poder de decisão (GRUGEL; FERREIRA, 2012). Por outro lado, estudos recentes também destacam a

importância da participação de crianças, adolescentes e jovens na discussão e tomada de decisões em assuntos referentes as suas vidas (TISDALL; RIZZINI, 2012). O direito à participação é um dos pontos centrais das contribuições da Sociologia da Infância após sua inclusão na Convenção dos Direitos da Criança (1989, artigo 12), com destaque para a noção de 'agência' (*child agency*) (JAMES; PROUT, 2005). Diversos autores ressaltam a importância de se levar em consideração as perspectivas de crianças e adolescentes nos processos de elaboração e monitoramento de políticas públicas (RIZZINI, 2011; STRICKLAND, 2011).

No Brasil

Considerando a complexidade do tema abordado, as recomendações propostas para serviços e políticas oferecidos às crianças e aos adolescentes em situação de rua no Brasil são diversas. Uma análise das principais tendências, no entanto, nos ajuda a contextualizar o cenário atual.

Destaca-se a necessidade de maior articulação em rede e do desenvolvimento de um

trabalho intersetorial e interdisciplinar (MEDEIROS et al., 2002; AMPURO; ALCES; CÁRDENAS, 2004). A ampliação do orçamento público destinado a essas ações (RIBEIRO et al., 2003), assim como uma maior participação da sociedade civil (RIBEIRO, 2003) também são considerados elementos necessários para a oferta de serviços adequados a essa população. Além disso, recomenda-se a produção de dados e de estudos voltados para a compreensão do fenômeno e para o aprimoramento da atuação dos órgãos públicos, tanto no que se refere à elaboração, como à execução, monitoramento e fiscalização das políticas públicas (ALVES et al., 2002; FERREIRA, 2011; BRANDÃO, 2013). A importância da atenção às particularidades e complexidades da situação de rua é igualmente mencionada na maior parte dos estudos analisados, dentre eles Campos, Del Prette e Del Prette (2000), Nunes e Andrade (2009) e Silva e Avelar (2014).

As recomendações também se voltam para os profissionais envolvidos no atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua. A

importância do cuidado e da escuta, da contínua formação pessoal e capacitação profissional e da criação de espaços de discussão e supervisão sistemáticas são alguns elementos apontados como capazes de transformar as situações de trabalho e aprimorar o atendimento ofertado (SANTANA et al., 2005; BOTTEGA; MERLO, 2010).

Outros temas que merecem destaque no que tange às recomendações são: a importância da participação de crianças, adolescentes e jovens na construção e execução dos programas de atendimento (NOGUEIRA; BELLINI, 2006; BRANDÃO, 2013); a necessidade de iniciativas que oportunizem a construção de projetos de vida, a reinserção social e o exercício da cidadania (CARINHANHA, 2009; SCHWONKE; FONSECA; GOMES, 2009; ARPINI; GONÇALVES, 2011); e o indispensável investimento nas famílias e comunidades de origem das crianças, adolescentes e jovens em situação de rua (YUNES et al., 2001; PALUDO; KOLLER, 2008; ARPINI; GONÇALVES, 2011).

Considerações finais

O levantamento bibliográfico em âmbito internacional sobre crianças e adolescentes em situação de rua vem a complementar as análises realizadas a partir do levantamento da produção acadêmica nacional. A produção de conhecimento e o debate referentes à população infantil e adolescente em situação de rua não se limitam aos temas apresentados nesta publicação. Mas a síntese aqui apresentada certamente contribui para a compreensão de uma questão tão complexa e desafiadora como essa.

Observa-se que os temas educação e uso/abuso de drogas são recorrentes na literatura acadêmica e apontam para prioridades comuns a diversos países. Através deste exercício, é possível pensar nos processos sociais que vêm eclodindo internacionalmente nos últimos anos. E, assim como no Brasil, acabam influenciando o rumo das políticas públicas e as formas de se conceber a vida nas ruas.

Outro ponto que merece destaque na análise da produção internacional são as significativas diferenças existentes entre as populações que vivem em contextos de vulnerabilidade nos países do chamado “Sul Global” e do “Norte Global”. Por isso, para o planejamento eficaz de políticas, programas e ações, que efetivamente respondam aos problemas identificados, é fundamental que se realizem estudos focados no contexto de cada país, levando em conta as especificidades locais. Contudo, é possível afirmar que, apesar da diversidade de estudos analisados, a produção advinda de diferentes contextos socioculturais e econômicos guarda similaridades no que diz respeito às preocupações com as crianças e os adolescentes em situação de rua. Apontamos algumas a seguir.

No tocante à saúde, destaca-se a importância de serviços adequados para reduzir os danos nas vidas daqueles que vivem em situação de rua, em especial quanto ao contágio de doenças sexualmente transmissíveis e ao uso de drogas, mas também em relação à prevenção e ao tratamento das mais variadas enfermidades. As crianças e os adolescentes em situação de rua, por falta de documento de identificação, dificuldade de acesso aos serviços e/ou preconceito dos médicos e atendentes, com frequência se veem

excluídos de postos de saúde e de hospitais. Ressalta-se a necessidade de que os serviços de saúde os alcancem, ofereçam tratamento adequado e gratuito e que os médicos e enfermeiros estejam capacitados profissional e emocionalmente para lidar com este grupo.

De igual maneira, aponta-se para a importância do acesso à educação como forma de reintegração social. Embora sejam claros os contrastes entre as regiões globais, é salientado em diversos países que as instituições de ensino podem reproduzir desigualdades e fechar as portas para crianças e adolescentes com dificuldades familiares, pessoais e financeiras. Novamente é ressaltado o despreparo dessas instituições em relação à atenção à criança e ao adolescente em situação de rua e a urgência da qualificação adequada de seus profissionais.

De modo geral, podemos destacar dois grandes objetivos para o atendimento às crianças e aos adolescentes em situação de rua no Brasil e em diversos países. O primeiro deles é criar uma estratégia de conscientização da população e dos serviços sociais, visando a sensibilização necessária para o acolhimento adequado de crianças, adolescentes e jovens em contextos de vulnerabilidade. O segundo objetivo é compreender as reais necessidades daqueles que vivem em situação de rua, de maneira a adequar os serviços a eles oferecidos de acordo com as suas demandas, incluindo-os e levando em consideração suas perspectivas no que tange seu bem-estar, garantindo-lhes voz e participação ativa em questões concernentes as suas próprias vidas.

Referências bibliográficas

- ALVES, P. B. et al. Atividades cotidianas de crianças em situação de rua. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 18, n. 3, p. 305-313, set./dez. 2002.
- AMPURO, D. M.; ALCES, P. B.; CÁRDENAS, C. J. A fome para meninos e meninas em situação de rua: além da sensação da "barriga vazia". *Rev. Bras. Cres. e Desenv. Hum.*, S. Paulo, 14(1), 2004.
- ARPINI, D. M.; GONÇALVES, C. S. Drogas e álcool na relação com a violência: o olhar de adolescentes em situação de rua. *PSICO*, Porto Alegre, PUCRS, v. 42, n. 4, p. 442-449, out./dez. 2011.
- ARPINI, D. M.; QUINTANA, A. M.; GONÇALVES, C. S. Relações familiares e violência em adolescentes em situação de rua. *Psicol. Argum.*, 28(63), p. 325-336, out./dez. 2010.
- ASANTE, K. O.; MEYER-WEITZ, A.; PETERSEN, I. Correlates of psychological functioning of homeless youth in Accra, Ghana: a cross-sectional study. *International Journal of Mental Health Systems*, v.9, 2015.
- BADEMCI, H. O. Working with vulnerable children: Listening to the views of the service providers working with street children in Istanbul. *Children and Youth Services Review*, v.34, n.4, p.725-734, abr. 2012.
- BENDER, K. et al. Substance use and victimization: Street-involved youths' perspectives and service implications. *Children and Youth Services Review*, v.34, n.12, 2012.
- BENITEZ, S. T. The state of the world's street children: research. London: Consortium for Street Children, 2011.
- BERCKMANS, I. et al. A systematic review: A quest for effective interventions for children and adolescents in street situation. *Children and Youth Services Review*, v.34, 2012.
- BODNER, J. "Once I'm there I can find out where I am": Place making and the homeless geographies of a Downtown Toronto Street Kid Community. *Ethnologies*, v.34, n.1-2, p.59-89, 2012.
- BOTELHO, A. P. et al. Meninos de rua: desafiados em busca de saúde mental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 361-370, abr./jun. 2008.
- BOTTEGA, C. G.; MERLO, Á. R. C. Prazer e sofrimento no trabalho dos educadores sociais com adolescentes em situação de rua. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, vol. 13, n. 2, p. 259-275, 2010.
- BRANDÃO, B. O Estado nas margens e as margens do Estado: ações políticas para meninos em condição de rua usuários de crack. *Publ. UEPG Ci. Soc. Apl.*, Ponta Grossa, 21 (2), p. 173-180, jul./dez. 2013.
- CAMPOS, T. N.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. (Sobre)vivendo nas ruas: habilidades sociais e valores de crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), p. 517-527, 2000.

CARINHANHA, J. I. Violência vivenciada pelas adolescentes em situação de rua: bases para o cuidado de enfermagem pela cidadania. 2009. 122 f. Dissertação (Mestre em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CHENG, T. et al. Crack pipe sharing among street-involved youth in a Canadian setting. *Drug and Alcohol Review*, v.34, p.259–266, mai. 2015.

CHETTIAR, J. C. et.al. Survival sex work involvement among street-involved youth who use drugs in a Canadian setting. *Public Health*, v.32, n.3, p.322-327, jan. 2010.

CIRINO, D. C. S.; ALBERTO, M. F. P. Uso de drogas entre trabalhadores precoces na atividade de malabares. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 3, p. 547-555, jul./set. 2009.

CLARO, H. G. et al. Perfil e padrão de uso de crack de crianças e adolescentes em situação de rua: uma revisão integrativa. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.*, v. 10 (1), p. 35-41, jan./abr. 2014.

CROMBACH, A.; BAMBONYÉ, M.; ELBERT, T. A study on reintegration of street children in Burundi: experienced violence and maltreatment are associated with mental health impairments and impeded educational progress. *Frontiers in Psychology- Developmental Psychology*, v.5, dez. 2014.

DEJMAN, M. et.al. Drug use among street children in Tehran, Iran: A Qualitative study. *Frontiers in Public Health*, v.3, n.279, 2015.

DOROSHENKO, A. et.al. Challenges to immunization: the experiences of homeless youth. *BMC Public Health*, v.12, n.338, 2012.

EDEWOR, P. A. Homeless children and youths in Lagos, Nigeria: Their characteristics, street life and sexual behaviour. *Mediterranean Journal of Social Sciences*, v.5, n.1, 2014.

EMBLETON, L. et.al. The journey of addiction: Barriers to and facilitators of drug use cessation among street children and youths in Western Kenya. *Journal PLoS ONE*, v.8, n.1, 2013.

EMBLETON, L. et.al. Adapting ethical guidelines for adolescent health research to street-connected children and youth in low- and middle-income countries: a case study from western Kenya. *BMC Medical Ethics*, v.16, 2015.

ERICKSON, P. G.; KIRST, M.; FREDERICK, T. Concurrent mental health and substance use problems among street-involved Youth. *International Journal of Mental Health and Addiction*, v.9, n.5, p.543–553, out. 2011.

ESTIVALET, A. G. Os Sem-Lugar: uma análise de trajetórias de jovens que vivem nas ruas de Porto Alegre. *Revista Escola de Gestão Pública*, 2010.

FERREIRA, F. P. M. Crianças e adolescentes em situação de rua e seus macro determinantes. *Saúde Soc.* São Paulo, v. 20, n. 2, p. 338-349, 2011.

FERREIRA, F. P. M.; NOGUEIRA Jr., R. P.; COSTA, B. L. D. Determinantes da escolarização de crianças e adolescentes em situação de rua no estado de Minas Gerais. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 68, p. 465-488, jul./set. 2010.

FERREIRA, T. Os Meninos e a rua - o psicólogo e os impasses da assistência. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 20 (1), p. 2-17, 2000.

FIASORGBOR, D. A.; FIASORGBOR E. K. Street children: our health and coping strategies when we are sick. *Journal of Health, Medicine and Nursing*. v.15, 2015.

GENTILE, M. F. La 'restitución de la niñez' como forma de inclusión social em un centro de dia para "chicos de la calle" em Buenos Aires. *Revista de Ciencias Sociales*, v. 131, p.75-88, 2011.

GODINHO, J. M. A escola de quem não tem escola: os desafios da escolarização para jovens em situação de rua. 2015. 90f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015.

GRIMSON, A. (org). *Culturas políticas y políticas culturales*. Buenos Aires: Fundación de Altos Estudios Sociales, 2014.

GRUGEL, J.; FERREIRA, F. P. M. Street working children, children's agency and the challenge of children's rights: evidence from Minas Gerais, Brazil. *Journal of International Development*, v.24, p.828-840, nov. 2012.

GUERRERO, P; PALMA, E. Representaciones Sociales sobre educación de niños y niñas de calle de Santiago y Quito. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v.8, n.2, p.1025-1038, jul./dez. 2010.

HABTAMU, D.; ADAMU, A. Assessment of sexual and reproductive health status of street children in Addis Ababa. *Journal of Sexually Transmitted Diseases*, v.201, 2013.

HADLAND, S. E. et al. Depressive symptoms and patterns of drug use among street youth. *Journal of Adolescent Health*, v.48, n6, p.585-590, jun. 2010.

HADLAND, S. E. et al. Suicide and history of childhood trauma among street youth. *Journal of Affective Disorders*, v.136, n.3, fev. 2012.

HARRIS, M. et al. Community reinsertion success of street children programs in Brazil and Peru. *Children and Youth Services Review*, v.33, n.5, p.723-731, mai. 2011.

HEINZE, H. J.; JOZEFOWICZ, D. M. H.; TORO, P. A. Taking the youth perspective: Assessment of program characteristics that promote positive development in homeless and at-risk youth. *American Journal of Preventive Medicine*, v.38, n.6, p.637-645, jun. 2010.

HENLEY, R. et al. Does school attendance reduce the risk of youth homelessness in Tanzania? *International Journal of Mental Health Systems*, v.4, n.28, 2010.

JAMES; A. PROUT, A (org.). *Constructing and reconstructing childhood*. London: Routledge, 2005.

KEESHIN, B. R.; CAMPBELL, K. Screening homeless youth for histories of abuse: Prevalence, enduring effects, and interest in treatment. *Child Abuse & Neglect*, n.35, p.401- 407, 2011

KHOKAR, T.; SERAJUDDIN, O. Should we continue to use the term developing world? Disponível em: <https://blogs.worldbank.org/opendata/should-we-continue-use-term-developing-world>. Acesso em: 16 nov 2015.

KUMAR, M. et al. Housing and sexual health among street-involved youth. *Journal of Primary Prevent*, v.36, p.301-309, 2015.

LIGHTFOOT, M. et al. Protective factors associated with fewer Multiple Problem Behaviors Among Homeless/Runaway Youth. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, v.40, n.6, 2011.

LÓPEZ, R. P.; RODRÍGUEZ, L. B. Construcción social de un espacio público en la Ciudad de México: la Plaza Zarco y sus jóvenes. *Nueva Antropología*, XXV, n.76, p.13-32, jan./jun. 2012.

MALINDI, M. J. Exploring the roots of resilience among female street-involved children in South Africa. *Journal of Psychology*, v.5, n.1, p.35-45, 2014.

MARSHALL, B. D.L. et.al. Public injecting and HIV risk behaviour among street-involved youth. *Drug and Alcohol Dependence*, v.110, p.254-258, 2010.

MARTINS, R. A. Uma tipologia de crianças e adolescentes em situação de rua baseada na Análise de Aglomerados (Cluster Analysis). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), p. 251-260, 2002.

MATIAS, H. J. D.; FRANCISCHINI, R. Desafios da etnografia com jovens em situação de rua: a entrada em campo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), p. 43-252, 2010.

MCKENZIE-MOHR, S.; COATES, J.; MCLEOD, H. Responding to the needs of youth who are homeless: Calling for politicized trauma-informed intervention. *Children and Youth Services Review*, v.34, n.1, p.136- 143, jan. 2012.

MEDEIROS, M. et al. O significado de casa e rua para meninos com experiência de vida nas ruas: em busca de uma compreensão sobre as implicações para a saúde. *Rev. Bras. Cresc. Des. Hum. S. Paulo*, 12(2), 2002.

MENON, A. Adolescent street girl. Children's knowledge of STI, HIB/AIDS, awareness of contraceptives and attitudes on sexual health and sexuality. *International Journal of Behavioral Social and Movement Sciences*, v.2, n.3, jul. 2013.

MERRILL, R. M. et.al. Drug use among street children and non-street children in the Philippines. *Asia Pac Journal of Public Health*, v.22 n.2, p.203-211, abr. 2010.

MESHARAM, I. I.; GADE, S.; BATTINA, P. Nutritional status and substance abuse among street children in South India. *Indian Journal of Community Health*, v.27, n.1, 2015.

MHIZHA, S. The religious-spiritual self-image and behaviours among adolescent street children in Harare, Zimbabwe. *Journal Of Religion And Health*, v.54, n.1, p.187-201, 2015.

MINNICELLI, M.; ZAMBRANO, I. Estudio preliminar sobre algunas Instituciones de infancia en tiempos de capitalismo y modernidad: los Niños en Situación de Calle, Colombia. *INFEIES – RM*, v.1, n.1, mai. 2012.

MOTA, R. N. A trajetória de jovens em situação de rua usuários de crack. 2012. 123f. Dissertação (Mestre em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012.

MOURA, Y. G.; SILVA, E. A.; NOTO, A. R. Redes sociais no contexto de uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua. *Psicologia em Pesquisa*, UFJF, 3 (01), p. 31-46, jan./jun. 2009.

NASCIMENTO, A. Uso de solventes por crianças e adolescentes em situação de rua no Distrito Federal. 2009. 101f. Dissertação (Mestre) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

NASIR, M.; KHALID, A. Street children phenomenon: A great loss of human potential for South Asia. *A Research Journal of South Asian Studies*, v.30, n.2, p.313-327, jul./dez. 2015.

NEIVA-SILVA, L. Uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua: um estudo longitudinal. 2008. 207f. Tese (Doutor em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008.

NÓBREGA, S. M.; LUCENA, T. A. O “menino de rua” entre o sombrio e a aberrância da exclusão social. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 21, n. 3, p. 161-172, set./dez. 2004.

NOGUEIRA, L. A.; BELLINI, L. M. Sexualidade e violência, o que é isso para jovens que vivem na rua? *Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, 15(4), p. 610-6, out./dez. 2006.

NUNES, E. L. G. Adolescentes que vivem na rua: um estudo sobre a vulnerabilidade ao HIV/aids relacionada à droga, à prostituição e à violência. 2004. 252f. Dissertação (Mestre em Ciências) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

NUNES, E. L. G.; ANDRADE, A. G. Adolescentes em situação de rua: prostituição, drogas e HIV/AIDS em Santo André, Brasil. *Psicologia & Sociedade*; 21 (1), p. 45-54, 2009.

NUNES, R. S. Concepções de tratamento de crianças e adolescentes usuários de drogas com experiência de vida nas ruas no município do Rio de Janeiro. 2013. 139f. Dissertação (Mestre em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

OLIVEIRA, A. A. P.; RIBEIRO, M. O. O cuidar da criança de/na rua na perspectiva dos graduandos de enfermagem. *Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, 15(2), p. 246-53, abr./jun. 2006.

PALEPU, A. et.al. Quality of life themes in Canadian adults and street youth who are homeless or hard-to-house: A multi-site focus group study. *Health and Quality of Life Outcomes*, v.10, n.93, 2012.

PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Quem são as crianças que estão nas ruas: vítimas ou vitimizadoras? *Interação em Psicologia*, (9)1, p. 65-76, jan./jun. 2005.

PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Toda criança tem família: criança em situação de rua também. *Psicologia & Sociedade*; 20(1), p. 42-52, 2008.

REDDY, A. P.; KUMAR, D. P.; RAJU, A. B. A study on prevalence and pattern of substance abuse among street children and adolescents in the state of Andhra Pradesh, India. *Indian Journal of Fundamental and Applied Life Sciences*, v.4, n.3, jul./set. 2014.

RIBEIRO, M. O. et al. O papel das drogas na vida da criança em situação de rua. *Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 14, n. 2, p. 79-84, maio/ago, 2003.

RIZZINI, I. The promise of citizenship for Brazilian children: What has changed? *The Annals of American Academy*, v.663, n.1. 2011.

RIZZINI, I.; BUTLER, U. M. Crianças e adolescentes que vivem e trabalham nas ruas revisitando a literatura. In: RIZZINI, I. (Coord.). *Vida nas ruas, crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?* Rio de Janeiro: PUC, 2003.

RIZZINI, I; TISDALL, K. Introdução: a importância do debate internacional e interdisciplinar sobre participação infantil e juvenil. *Revista O Social em Questão*. Rio de Janeiro: PUC-Rio. Ano 15, n. 27 - jan.-jun., 2012.

RIZZINI, I.; NEUMANN, M. M.; CISNEROS, A. Estudos contemporâneos sobre a infância e paradigmas de direitos. Reflexões com base nas vozes de crianças e adolescentes em situação de rua no Rio de Janeiro In: RIZZINI, I.; SILVA, S. B. *O Social em Questão*, nº 21. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2009.

RIZZINI, Irene; CHATTOPADHAY, Tamo. Street children in Brazil and their right to education. In: The global right to Education movement: examining the challenges with policy and practice. Archana Mehendale, Rahul Mukhopadhyay (editors). India: NORRAG Special Issue, 2017.

ROBERTS, J. Teaching and learning with therapists who work with street children and their families. *Family Process*, v.49, n.3, 2010.

SANTANA, Juliana Prates et al. É fácil tirar a criança da rua, o difícil é tirar a rua da criança. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 165-174, mai./ago. 2005.

SAUCEDO, I. A.; TARACENA, B. E. Habitar la calle: pasos hacia una ciudadanía a partir de este espacio. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v.1 n.9, p.269-285, 2011.

SCHWONKE, C. R. G. B.; FONSECA, A. D.; GOMES, V. L. O. Vulnerabilidades de adolescentes com vivências de rua. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm.*, 13(4), p. 849-55, out./dez. 2009.

SHARMA, N.; JOSHI, S. Preventing substance abuse among street children in India: a literature review. *Health Science Journal*, v.7, n.2, 2013.

SHEPHARD, D. D. Systematic literature review of non-formal education for improving educational outcomes for street children and street youth in developing countries: A systematic review. *International Journal of Social Welfare*, v.23, p.349-361, 2014.

SILVA, J. M. M.; AVELAR, T. C. Crianças em situação de rua e suas representações sobre lar e família por meio do desenho. *Psicol. Argum.*, 32(76), p. 69-77, jan./mar. 2014.

SILVA, S. C. A escola e a rua: interação possível? *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n.37, p. 67-87, abril 2005.

SINGLAU, F. A. ¿Niños, niñas y adolescentes “de la calle”, “en la calle”, o “en situación de calle”? Una aproximación conceptual. *Cuadernos Universitarios Publicaciones Académicas de la Universidad Católica de Salta*, v.8, p.51-62, 2015

SOUZA, R. et.al. Outcomes for street children and youth under multidisciplinary care in a drop-in centre in Tegucigalpa, Honduras. A Review of Interventions for Substance Use Among Homeless Youth *Research on Social Work Practice*, v.23, p.34-45, jan. 2013.

STRICKLAND, R. D. Los derechos de los niños, niñas y jóvenes callejeros ¿Cómo los estamos enseñando? *Odiseo*, revista electrónica de pedagogía, v.9, n.17, 2011.

SUDBRACK, U. G. O extermínio de meninos de rua no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, 18(1), 2004.

TFOUNI, L. V.; MORAES, J. A família narrada por crianças e adolescentes de rua: a ficção como suporte do desejo. *Psicol. USP, São Paulo*, vol. 14, n. 1, 2003.

URSIN, M. 'The City Is Ours': The temporal construction of dominance among poor young men on the street in a Brazilian elite neighbourhood. *Journal Latin America Studies*, n.44, 2012.

VAN BLERK, L. Berg-en-See street boys: merging street and family relations in Cape Town, South Africa. *Children's Geographies*, v. 10, n.3, p.321-336, ago. 2012.

VAN BLERK, L. New Street Geographies: The impact of urban governance on the mobilities of Cape Town's street youth. *Urban Studies*, v.50. n.3, fev. 2013.

WINSTON, S. E. et.al. Prevalence of sexually transmitted infections including HIV in street-connected adolescents in western Kenya. *Sex Transm Infect*, v.91, 2015.

YUNES, M. A. M. et al. Família vivida e pensada na percepção de crianças em situação de rua. *Paidéia*, 11(20), p. 47-56, 2001.

Notas

ⁱ Base de dados bibliográficos produzida no âmbito da pesquisa *Políticas Públicas e os Desafios da Implementação: análise do caso da política de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua no Rio de Janeiro*, sob a coordenação da Prof^a Irene Rizzini (PUC-Rio/DSS; CIESPI/PUC-Rio) e pesquisa de Renata Mena Brasil do Couto (CIESPI/PUC-Rio). A base de dados encontra-se disponível na página eletrônica do CIESPI/PUC-Rio, em "Publicações/Análises Bibliográficas" (<http://www.ciespi.org.br>).

ⁱⁱ As palavras-chave utilizadas nas buscas em inglês foram: street children; street child; street youth; homeless children/youth; children in street situation; e runaways. As palavras-chave utilizadas em espanhol foram: niños y niñas; adolescentes, jóvenes, de/en la calle; en situación de calle.

ⁱⁱⁱ Utilizamos com cautela a terminologia Sul/Norte Global para nos referir às disparidades encontradas em diferentes países, as quais certamente não podem ser generalizadas. Historicamente, muitas denominações intencionam simplificar a divisão do mundo em dois grupos. No contexto atual são mais comuns as cisões entre desenvolvidos/em desenvolvimento, central/periférico e Norte/Sul Global. A noção de "desenvolvido" tende a colocar o modo de vida das nações capitalistas e mais industrializadas como um objetivo a ser atingido, excluindo muitas nações que vivem dentro de outra lógica (como é o caso do Butão, por exemplo). O termo "em desenvolvimento" não nos parece justo para dar conta da imensa diversidade de condições entre os países assim categorizados. A noção de central e periférico, por sua vez, também parece imprecisa em um contexto de cambiante concentração de poderes, onde países "em desenvolvimento" podem estar no centro dos debates de poder político e econômico (como é o caso da China). Portanto, a denominação norte/sul, embora também problemática, foi considerada a mais adequada para o debate proposto, em que refletimos sobre as diferenças entre a origem dos pesquisadores (Norte Global) e a região em foco nas pesquisas (Sul Global). Os seguintes estudos serviram de base para essa reflexão: Khokar e Serajuddin (2015) e Grimson (2014).

^{iv} Registra-se que existem avanços normativos recentes no que diz respeito a conceituação de crianças e adolescentes em situação de rua, como consta da Resolução conjunta CNAS/CONANDA nº 1, de 15 de dezembro de 2016. Este debate encontra-se incluído no documento intitulado "Os desafios da implementação de políticas públicas para crianças e adolescentes em situação de rua: um guia comentado", com apoio da Faperj, desenvolvido no âmbito do projeto acima referido (*Políticas Públicas e os Desafios da Implementação: análise do caso da política de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua no Rio de Janeiro*).

^v Cabe dizer que, no Brasil, a categoria uso/abuso de drogas é a mais comumente utilizada, sendo que, na língua inglesa, é mais frequente o uso da expressão "abuso de substâncias" (*substance abuse*).

Sobre as autoras

Irene Rizzini é professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e diretora do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI), Rio de Janeiro, Brasil.

Thaís de Carvalho Rodrigues Lopes é mestre em Comunicação Social e assistente de pesquisa do CIESPI/PUC-Rio.

Renata Mena Brasil do Couto é doutora em Serviço Social e pesquisadora do CIESPI/PUC-Rio.

